



OFICINA DO CES

ces

Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Faculdade de Economia
Universidade de Coimbra

**JOSÉ CARLOS MARQUES
PEDRO GÓIS**

**PRÁTICAS TRANSNACIONAIS DOS IMIGRANTES
CABO-VERDIANOS EM PORTUGAL E DOS EMIGRANTES
PORTUGUESES NA SUÍÇA:
PARA ALÉM DOS CONCEITOS**

**Dezembro de 2007
Oficina nº 294**

José Carlos Marques

Pedro Góis

**Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal
e dos emigrantes portugueses na Suíça:
para além dos conceitos**

**Oficina do CES n.º 294
Dezembro de 2007**

OFICINA DO CES
Publicação seriada do
Centro de Estudos Sociais
Praça D. Dinis
Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

Correspondência:
Apartado 3087
3001-401 COIMBRA

José Carlos Marques

Universidade Católica Portuguesa (Viseu) e Centro de Estudos Sociais

Pedro Góis

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e Centro de Estudos Sociais

Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal e dos emigrantes portugueses na Suíça: para além dos conceitos*

Resumo: Desde os anos 90 que a literatura sobre o transnacionalismo tem crescido na comunidade científica tendo-se transformado o “transnacionalismo” numa *buzzword* para as migrações contemporâneas. A pesquisa em ciências sociais, no entanto, ainda não concretizou empiricamente o que há de novo nas migrações contemporâneas que mereça ser tratado de forma diferenciada do que as teorias migratórias sempre fizeram. Os contributos teóricos sobre transnacionalismo e práticas transnacionais traduzem, na sua ampla maioria, a ausência de conhecimento empírico sobre práticas transnacionais e sobre a sua relevância. No projecto de investigação que subjaz a este artigo um dos objectivos era o de descrever a realidade social das práticas transnacionais dos migrantes numa base comparada, combinando a interferência e interacção dos países emissores e receptores com as comunidades estudadas. Neste projecto ensaiou-se uma mensuração das práticas transnacionais em diferentes esferas sociais (e.g. economia, política, cultura, etc.) procurando aquilatar a sua importância. No sentido de obter uma descrição das práticas transnacionais dos portugueses na Suíça e dos cabo-verdianos em Portugal combinaram-se três tipos de metodologias: análise documental; entrevistas a informadores privilegiados; e entrevistas a migrantes transnacionais. A compreensão da fraqueza dos indicadores de transnacionalismo nas duas comunidades é analisada tendo como pano de fundo a história e dinâmica dos dois fluxos migratórios. Este artigo sintetiza os resultados principais obtidos tendo como objectivo final alargar a nossa compreensão a respeito de novas formas de mobilidade e da relação dos imigrantes com os países de acolhimento.

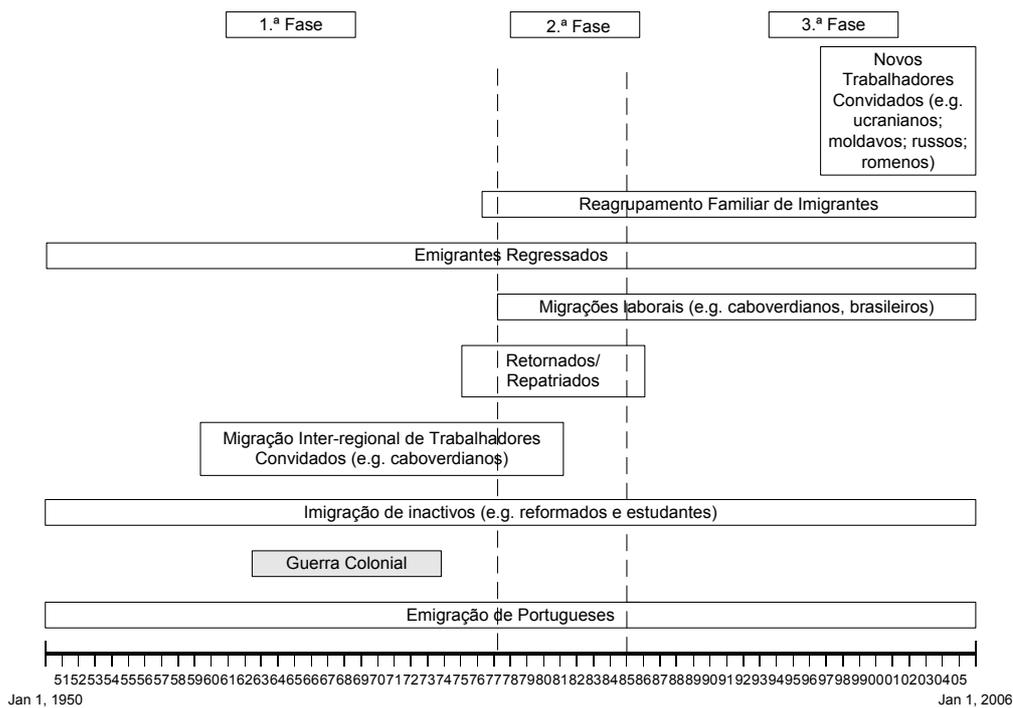
1. Portugal país de emigração e de imigração

É conhecido o facto de Portugal, como outros países do Sul da Europa, ter uma longa tradição de emigração e uma curta história de imigração. É menos conhecido o facto de, desde há algumas décadas, estes dois fluxos migratórios coexistirem e de, na verdade,

* Este texto apresenta resultados preliminares do projecto “Práticas Transnacionais dos Migrantes na Europa Ocidental”, projecto apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (POCI/SOC/55646/2004) e coordenado cientificamente pela Prof. Doutora Maria Ioannis Baganha. Os autores agradecem a Carlos Elias Barbosa, bolseiro de investigação no projecto, toda a ajuda prestada.

podemos detectar ligações e semelhanças entre as características da imigração em Portugal e da emigração portuguesa. Na verdade, estes dois fluxos estão imbricados de forma indelével e a evolução de um e de outro ocorrem de forma concomitante. A figura seguinte resume as principais fases e tipos das migrações em Portugal nas últimas décadas.

Figura 1: Diferentes fases e tipos das migrações em Portugal



Uma análise das migrações de e para Portugal nas últimas três décadas mostra que a emigração portuguesa para a Suíça e a imigração de cabo-verdianos para Portugal têm coexistido de forma coerente e consistente (Góis, 2006). Estes dois fluxos migratórios são interessantes casos de intercomunicação entre dois sistemas migratórios (o sistema migratório europeu e o sistema migratório lusófono), num exemplo claro da existência de vasos comunicantes entre sistemas (Góis e Marques, 2006). Para além desta inter-relação entre os dois referidos fluxos migratórios, é de notar, ainda, que se trata de movimentos migratórios que apresentam algumas similitudes ao nível da inserção no mercado de trabalho nos países de destino (nomeadamente quanto aos sectores de inserção), do modo de migração e da duração da estadia no país de acolhimento. Estes factores têm sido identificados como estando relacionados com o desenvolvimento de determinadas formas de ligação dos migrantes aos seus países de origem. Por último, e

particularmente relevante no âmbito do presente texto, denotam ainda características semelhantes no que diz respeito aos domínios, tipos e intensidade de práticas que desenvolvem, designadamente em relação ao país de origem e/ou com países terceiros.

O objectivo central do artigo consiste, assim, em apresentar as diferentes formas de relacionamento dos migrantes com o seu país de origem, identificando aquelas que podem ser vistas com actividades transnacionais¹. A análise dos dois movimentos migratórios no sentido de averiguar as semelhanças e/ou diferenças observáveis nas diferentes dimensões consideradas relevantes sustentará a identificação de práticas transnacionais que, a diferentes níveis, se desenvolvem entre os grupos de migrantes estudados. Atendendo a que o surgimento e evolução destas práticas é influenciado pelo contexto em que ocorrem os fluxos migratórios e pelo volume relativo do conjunto de imigrantes, o artigo começa por apresentar, de forma necessariamente breve, a história e a dinâmica dos ambas as migrações. Numa segunda parte, a atenção recairá sobre a descrição das actividades realizadas pelos migrantes e observadas no decurso do trabalho empírico do projecto (2005-2007), interligando os dois fluxos migratórios e fazendo-os dialogar entre si. O artigo termina com uma conclusão em que se procura questionar a possibilidade de medir as práticas transnacionais a partir de estudos de carácter qualitativo do tipo sincrónico e a advogar a necessidade de um estudo de acompanhamento diacrónico de imigrantes e das suas práticas transnacionais numa perspectiva comparada e utilizando metodologias simultaneamente qualitativas e quantitativas.

2. Características gerais da emigração cabo-verdiana para Portugal e dos portugueses para a Suíça

2.1. Emigração portuguesa para a Suíça

No decurso da vaga emigratória portuguesa para os países industrializados da Europa que se verificou nas décadas de 60 e inícios de 70, a Suíça apenas muito marginalmente surgiu como destino para os emigrantes portugueses.² Esta situação viria a sofrer uma alteração significativa a partir sensivelmente de meados dos anos 80, altura em que

¹ Os autores reconhecem que somente num sentido bastante amplo é que algumas das actividades desenvolvidas pelos migrantes poderão ser designadas de transnacionais. Trata-se, contudo, de práticas que assumem um importante papel de manutenção e intensificação das relações entre os migrantes e o seu país de origem, enquadrando-se, portanto, na lógica da definição de transnacionalismo.

² Em 1960, residiam na Suíça 373 portugueses, número que aumentou para 5.996, em 1975.

aquele país passa a ser o destino preferencial para os emigrantes portugueses (Marques, 2006). Entre 1984 e 2006 o saldo migratório dos portugueses que entraram em território helvético com uma autorização de residência anual ou permanente foi de 118.419 indivíduos (Marques, 2007).

Em resultado deste forte movimento de entrada, os portugueses tornaram-se na terceira maior comunidade de estrangeiros a residir em território helvético logo a seguir aos italianos e aos sérvios.³ Em finais de Dezembro de 2006 residiam na Suíça 173.477 portugueses, 122.935 (70,8%) dos quais portadores de uma autorização de residência permanente. Condicionados pela legislação vigente na Confederação Helvética, a maioria dos emigrantes portugueses viu-se inicialmente constrangida a optar por uma migração sazonal que, com o passar dos anos, se transformou numa emigração permanente.

As características dos migrantes portugueses na Suíça apresentam algumas similitudes com a dos migrantes portugueses que, nos anos 60 e inícios dos anos 70, se deslocaram para outros países industrializados da Europa do Norte. À semelhança daquele trata-se de um fluxo de mão-de-obra composto essencialmente por activos jovens. É, contudo, de assinalar que, ao contrário da corrente migratória intra-europeia anterior à crise petrolífera e económica de 1973/74, o fluxo migratório para a Suíça apresentou sempre uma forte componente feminina independente do processo de reagrupamento familiar. A sua inserção nos sectores de emprego fortemente dependentes de forças de trabalho estrangeiras (como a construção civil e a hotelaria e restauração) e a sua conjuntural falta de emprego em Portugal, ajuda a suportar a hipótese de, também à semelhança da emigração das décadas de 60 e 70, se tratar de uma transferência internacional de mão-de-obra que, no entanto, agora se alarga aos dois sexos. Neste sentido, as experiências migratórias femininas tornam-se mais visíveis e diversificadas, compreendendo, para além do papel que tradicionalmente lhe era atribuído nas correntes migratórias internacionais (reagrupamento familiar), cada vez mais a movimentação por motivos laborais. Dá-se, deste modo, o surgimento e desenvolvimento de perfis migratórios em que as mulheres surgem como protagonistas activas da migração, ou seja, surgem formas migratórias que têm sido consideradas

³ Em termos relativos os portugueses presentes na Suíça representam 11,4%, os sérvios 12,5% e os italianos 19,1%.

como marginais relativamente a um modelo migratório dominante caracterizado por uma migração feminina dependente da masculina.

Os projectos migratórios dos emigrantes portugueses na Suíça são, na perspectiva dos mesmos, considerados, geralmente, como temporários e orientados para o seu país de origem. É esta ‘orientação para a origem’ que estrutura as relações sociais e as actividades económicas dos emigrantes, determinando uma vivência espacial e temporalmente bipartida. Primeiro, porque os migrantes se encontram enquadrados por dois espaços geográficos organizadores dos seus projectos pessoais. No âmbito económico, a relação entre estes dois espaços (o país de destino e o país de origem) tem por base o salário e as economias realizadas: o primeiro é auferido em território helvético e as segundas destinam-se a possibilitar o consumo no país de origem. Segundo, porque a natureza instrumental da migração (considerada como uma fonte de financiamento dos projectos individuais e familiares do emigrante), ao tornar constantemente presente a distinção entre o presente (o tempo migratório) e o futuro (o tempo do regresso), exerce uma influência decisiva sobre a inserção dos portugueses na sociedade helvética. Por um lado, reduz os esforços de integração dos emigrantes: o carácter provisório da migração não justifica, na óptica racional do emigrante, um maior envolvimento com a população autóctone nem a aprendizagem da língua e costumes vigentes na sociedade de acolhimento. Por outro lado, o raciocínio económico subjacente à definição do projecto migratório como transitório leva o emigrante a tentar maximizar financeiramente a sua estadia em território helvético. A realização de horas extraordinárias, o pluriemprego e a frequente mudança de emprego são exemplos de comportamentos adoptados pelos emigrantes com o intuito de rentabilizar financeiramente a sua estadia na Suíça (Marques, 2006).

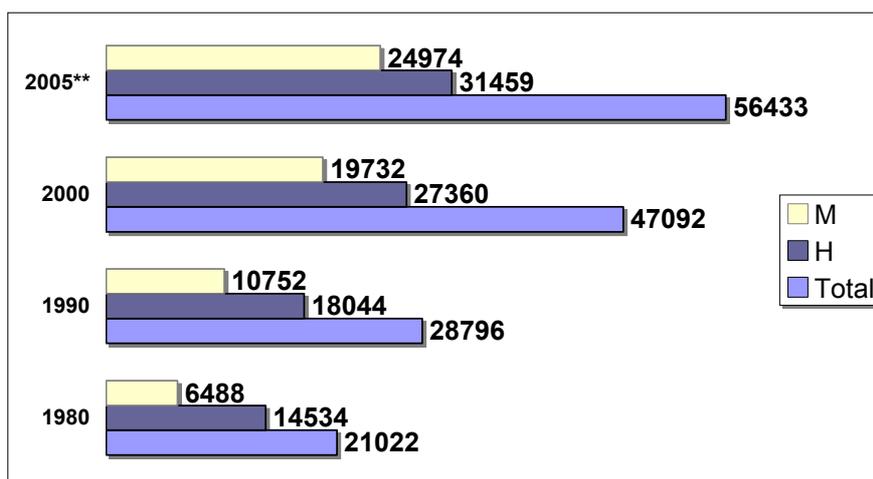
2.2. Migrantes cabo-verdianos em Portugal

As origens da imigração cabo-verdiana em Portugal podem ser encontradas nos anos 60, altura em que migram para a (então) metrópole um número significativo de trabalhadores cabo-verdianos para laborarem no sector mineiro, na construção civil e obras públicas.⁴ Estes cabo-verdianos chegam a Portugal contratados como mão-de-obra

⁴ A emigração de cabo-verdianos para Portugal insere-se num contexto mais vasto da emigração cabo-verdiana. De facto, Portugal, a exemplo de outros países europeus, só após a segunda guerra mundial se tornou um destino migratório para os cabo-verdianos. Na época contemporânea podemos dividir a emigração cabo-verdiana contemporânea em três ciclos migratórios distintos: um primeiro ciclo que decorre desde o final do século XIX até às

de substituição, suprimindo a mão-de-obra local que, por sua vez, emigrara para outros países europeus (por exemplo, França ou Alemanha) ou para colmatar a ausência dos soldados que foram enviados compulsivamente para a guerra colonial. Ao seu modo, funcionaram como trabalhadores convidados e vieram substituir os emigrantes portugueses que se transformaram em *guest workers* nos países da Europa Central ou do Norte. Estes imigrantes originários de Cabo Verde inseriram-se nos sectores da economia que, à época, mais carentes estavam de mão-de-obra, maioritariamente, no sector da construção civil e obras públicas. A elevada concentração geográfica nos distritos de Lisboa e de Setúbal apresenta-se desde o início em torno dos 85% a 90% da população cabo-verdiana total residente em Portugal.

Figura 2: População estrangeira residente em Portugal com nacionalidade cabo-verdiana, segundo o sexo



Fonte: Estatísticas Demográficas; SEF (vários anos)

** Dados provisórios de 2005 processados em 24-03-2006

A comunidade cabo-verdiana actual é o resultado de um somatório de sucessivos fluxos, com diferentes histórias de inserção sócio-económica. Se, como vimos, o primeiro fluxo teve origem nos anos 60, foi nas décadas posteriores que a comunidade se desenvolveu. Nos anos 70, com a independência de Cabo Verde e das outras colónias

primeiras décadas do século XX e que é marcado por uma corrente emigratória para a América, sobretudo EUA e, simultaneamente, por uma «emigração forçada» para S. Tomé e Príncipe e, em alguns casos, para outras províncias do então Império Colonial Português, designadamente Angola e Guiné-Bissau; um segundo ciclo que vai do final dos anos 20 ao fim da Segunda Guerra Mundial e que mostra duas grandes tendências: uma grande diminuição do número de saídas e um nítido desvio da corrente emigratória para o Brasil, Argentina ou Senegal; um terceiro e último ciclo que arrancou com o final da 2ª Grande Guerra e prossegue até à actualidade. Neste ciclo os principais destinos de emigração são países europeus: Holanda, Portugal, França, Luxemburgo, Itália, Suíça, Espanha, Alemanha, etc.

portuguesas em África, ocorre um repatriamento de cabo-verdianos⁵ incluído no movimento de retorno das ex-colónias.⁶ Estes cabo-verdianos, muitos com nacionalidade portuguesa,⁷ concentraram-se igualmente na Área Metropolitana de Lisboa e, de uma maneira geral, inseriram-se no mercado de trabalho em sectores como o da construção civil e obras públicas, os serviços de limpeza industrial e/ou doméstica, ou as vendas ambulantes. Podemos falar deste movimento migratório como um segundo ciclo nas migrações cabo-verdianas para Portugal. O terceiro ciclo de migrações cabo-verdianas para Portugal teve início nos anos 80 e, de certa forma, dá início a uma nova fase na imigração portuguesa, marcada por um forte predomínio de fluxos internacionais de trabalho. As características de inserção espacial e laboral mantiveram-se inalteradas, tendo ocorrido neste período uma tendência para um equilíbrio entre os sexos na imigração cabo-verdiana que se mantém.

A imigração cabo-verdiana para Portugal sintetiza de um modo particularmente acutilante a complexidade do processo pós-colonial e a transição de Portugal para país, também, de imigração. Sendo uma imigração já com algumas décadas, reúne distintos tipos de migrantes que, na sua totalidade, não formam uma comunidade homogénea, mas um conjunto que reproduz em Portugal as diferentes estruturas (e.g. de classe, de status, etária, de sexo, etc.) do país de origem. O número de migrantes cabo-verdianos (e seus descendentes) residentes em Portugal é uma incógnita mas é, obviamente, superior ao número de indivíduos com nacionalidade cabo-verdiana residentes em Portugal, não sendo ilícito apontar um número entre uma e duas centenas de milhar de indivíduos entre naturais, nacionais e descendentes de cabo-verdianos. Os projectos migratórios dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal são, na perspectiva dos próprios, considerados geralmente como temporários de longo prazo e orientados para um regresso ao seu país de origem apenas após a reforma. Na prática, porém, Portugal

⁵ Neste repatriamento, ou «retorno» à pátria, os indivíduos com nacionalidade portuguesa, naturais de Cabo Verde ou de ascendência cabo-verdiana, dificilmente podem ser conceptualizados como imigrantes. No entanto, numa análise das migrações de cabo-verdianos para Portugal, este movimento, que tem início em meados da década de 70 e termo nos primeiros anos da década de 80, apresenta-se como crucial na criação e manutenção das redes migratórias que sustentam este fluxo nas últimas duas décadas.

⁶ O número de cabo-verdianos incluído no total de “retornados” é impossível de calcular dada a inexistência de fontes estatísticas credíveis que discriminem os indivíduos naturais de Cabo Verde ou de ascendência cabo-verdiana de entre o total de retornados.

⁷ O Decreto Lei 308-A/75 de 24 de Julho vai retirar retroactivamente a nacionalidade portuguesa a muitos destes migrantes cabo-verdianos, transformando-os em imigrantes. Esta Lei deixa contudo em aberto a possibilidade de conservar ou obter a nacionalidade portuguesa ao abrigo do seu artigo 5º. Posteriormente, a lei da Nacionalidade (Lei n.º 37/81 de 3 de Outubro) vai modificar o princípio de atribuição da nacionalidade do *Jus soli* em favor do *Jus sanguinis*. Só em 1988, no entanto, é que é revogado o D.L. 308-A/75 de 24 de Julho.

acaba por funcionar como local de imigração permanente e mesmo como local de reforma para muitos cabo-verdianos que se aposentam noutros países europeus e que escolhem não regressar permanentemente a Cabo Verde (Moldes-Farelo, 2000).

3. Novo transnacionalismo ou velhas práticas imigrantes

Ao longo das últimas duas décadas vários autores reflectiram sobre o transnacionalismo⁸ enquanto fenómeno emergente ou como um facto clássico das migrações que assume actualmente uma preponderância maior do que em épocas anteriores (Itzigsohn e Saucedo, 2002). Expressões como ‘comunidades transnacionais’, ‘práticas transnacionais’, imigrantes transnacionais’ viram generalizar o seu uso sem que, na maioria dos casos, ao conceito utilizado correspondesse uma empiria verificada. Apesar disso, não se pode negar a importância que vem assumindo este novo olhar sobre as migrações e os imigrantes tendo em vista a compreensão dos movimentos migratórios contemporâneos, assente, desta feita, numa lógica de análise multidireccional complexa. De facto, ao longo das duas décadas, tem-se vindo a assistir a uma mudança no paradigma do estudo das migrações, na análise das comunidades de imigrantes e seus descendentes e no modo como interagem com as sociedades onde se inserem. O modelo do transnacionalismo obriga a uma mudança de uma lógica de análise de relações unidireccionais simples (origem-destino, migração de retorno, (re)agrupamento familiar, migrações temporárias ou definitivas, etc.) para uma outra mais complexa que envolve migrações circulares, re-emigração, transmigrações, migrações transfronteiriças, comunidades transnacionais, práticas transnacionais, etc.

A origem antropológica do conceito⁹ e a empiria baseada em estudos de caso,¹⁰ singulares e irrepetíveis, impede que haja actualmente mais do que exemplos isolados

⁸ Segundo este novo paradigma, os imigrantes redefinem, mas não abandonam, os laços que os unem ao país de origem, isto é, não existe um processo de assimilação/incorporação total nos países de destino, mas antes uma partilha complexa entre as duas ou mais sociedades, criando, assim, uma multiplicidade de laços que os ligam ao país de origem em diferentes áreas, que transcendem as fronteiras nacionais e complexificam as suas relações sociais com as sociedades de origem e de destino.

⁹ O termo *transnacional* não é recente e é utilizado, por exemplo, no título de um artigo clássico da autoria de Randolph S. Bourne, citado por Portes, publicado em 1916, intitulado “Transnational America”. Depois, o conceito foi utilizado de diversas formas, aludindo, em particular, às actividades das empresas globais (Portes, 2006: 208).

¹⁰ Baseados em estudos etnográficos, os estudos sobre transnacionalismo têm as suas limitações, para além das vantagens que naturalmente comportam, pelo que vários autores têm insistido na necessidade de se realizarem mais estudos comparativos e quantitativos sobre o fenómeno e, ao mesmo tempo, se encontrar, nos próximos anos, uma abordagem metodologicamente mais diversificada.

de casos particulares. Estes exemplos, que são já suficientes para construir tipologias preliminares e para a criação de novos conceitos categorizadores, não chegam ainda para avaliar a amplitude e evolução do transnacionalismo enquanto facto social. Por outro lado, o facto de as práticas transnacionais serem, de acordo com a maioria dos estudos efectuados, sobretudo um fenómeno da primeira geração de migrantes e de diminuírem ou desaparecerem ao longo das gerações seguintes torna, aparentemente, o transnacionalismo uma etapa intermédia do processo de assimilação. Por último, o transnacionalismo não parece ser um fenómeno novo,¹¹ mas, sobretudo devido à influente globalização, o transnacionalismo actual é, aparentemente, diferente do “velho” transnacionalismo (Foner, 1997).

A redução da dimensão relativa do mundo, fruto da contracção das distâncias-tempo e das distâncias-custo, a redução dos custos e a facilitação dos fluxos de comunicação permitem que os migrantes mantenham um contacto mais assíduo e denso com as regiões de origem numa nova geografia multipolar. Neste novo modo de organização, uma rede de redes, o local, região ou país de origem desempenha um papel de referência central, real ou imaginária, mas a lógica de relações e de processos sociais complexifica-se, na medida em que cada lugar da rede se relaciona quer com o ponto de origem, quer com outros locais de destino (Malheiros, 2001). Por outro lado, o potencial de contactos, trocas e multi-dependências intensifica-se e democratiza-se, uma vez que a ele podem aceder mais facilmente cada vez mais indivíduos.

Apesar das críticas ao novo olhar proposto pelo transnacionalismo, é de prever que as práticas transnacionais tenham tendência a aumentar. Este fenómeno, segundo Alejandro Portes, “não é propulsionado por razões ideológicas, mas pela própria lógica do capitalismo global, que gera nos países avançados uma procura de mão-de-obra imigrante para segmentos específicos do mercado de trabalho. Este transnacionalismo migrante, e as práticas que o suportam, vai ter, por outro lado, implicações no processo de integração na sociedade de acolhimento, tanto da geração de imigrantes, como dos seus filhos” (Portes, 2006: 213-14). Por isso, um olhar atento a estas práticas

¹¹ É óbvio que os imigrantes não são os únicos actores transnacionais e que nem todos os imigrantes são transnacionais, contrariando, assim, uma certa ideia inicial dos estudos antropológicos que anunciavam a descoberta “de uma nova roda”. Estudos posteriores vieram demonstrar que só uma minoria dos imigrantes e seus descendentes se caracteriza por um envolvimento regular em actividades transnacionais e que o próprio envolvimento ocasional não constitui uma prática universal.

transnacionais permite uma análise antecipada das estratégias dos imigrantes no que se refere à relação com os seus países de origem. E, no entanto, enquanto fenómeno social, o transnacionalismo não é novo nem é universal.

São múltiplos os exemplos históricos da existência de transmigrantes, de famílias transnacionais, de um estilo de vida transnacional ou de práticas transnacionais, que, enquanto “categorias de prática”, anteciparam em muito as “categorias de análise”¹² que deram origem ao conceito. Se nos detivermos apenas nos migrantes cabo-verdianos, e analisarmos as suas práticas em relação ao país de origem ao longo dos últimos dois séculos, facilmente nos apercebemos de múltiplas situações do que actualmente conceptualizaríamos como exemplos de transnacionalismo. Deidre Meintel refere, ainda no século XIX, o caso de cabo-verdianos imigrantes sazonais nos EUA, do envio de remessas de diferentes tipos, os casamentos por procuração, o aparecimento de famílias transnacionais, etc. (Meintel 2002: 26). Outros autores, ao estudarem outros nódulos migratórios dos cabo-verdianos na Europa, como a Itália, Portugal ou a Holanda, destacaram desde os anos 70 do século XX práticas transnacionais relacionadas com: as viagens inter-núcleos migratórios para férias, festas ou casamentos; o uso funcional do passaporte de um país da UE para facilitar a migração para outro país de UE; a participação em negócios no país de origem ou em países terceiros; os clássicos investimentos no país de origem (e.g. compra/construção de casa, aquisição de terrenos, pequenos negócios); a música; o desporto; ou o comércio tradicional.

O transnacionalismo não é, no caso cabo-verdiano (e também não o é no caso português) um fenómeno recente. É um fenómeno com raízes na clássica emigração laboral dos dois países, manteve algumas das suas práticas tradicionais ao longo do século XX e, de alguma forma, renovou-se com as ferramentas que a globalização colocou ao seu dispor. A maioria deste tipo de práticas são também observáveis entre os emigrantes portugueses, sendo de admitir a possibilidade de os exemplos de transnacionalismo apresentarem características e graus de intensidade diferentes consoante os diferentes fluxos da emigração portuguesa. No caso dos emigrantes portugueses a residir nos países da Europa ocidental, é de pressupor que a intensificação dos laços sociais, culturais e económicos com o país de origem conduziu, ao longo do

¹² Sobre a distinção “categoria de prática” versus “categoria de análise” ver Bourdieu, 1991.

tempo, ao desenvolvimento de um conjunto de práticas que podem ser categorizadas na actualidade como ‘transnacionais’. Trata-se, no essencial, de um conjunto de actividades assentes na manutenção de contactos mais ou menos regulares entre emigrantes e, sobretudo, os seus locais ou regiões de origem, facilitados pela comunicação quase instantânea permitida pelas novas tecnologias da informação. A definição destas práticas como transnacionais torna-se particularmente evidente se adoptarmos uma definição abrangente de transnacionalismo, tal como sugerida por Grosfoguel e Cordero-Guzmán que inclui quer os migrantes que mantêm múltiplos relacionamentos através de uma forte circulação física entre o país de origem e de destino, quer os que mantêm estes relacionamentos através de outros meios (envio de remessas, envio de bens, contactos com o país de origem, etc.) (Grosfoguel e Cordero-Guzman, 1998). No fundo, trata-se de alargar a definição de transnacionalismo proposta por Vertovec:

The actual ongoing exchanges of information, money, or resources, as well as regular travel and communication, that members of a diaspora may undertake with others in the homeland or elsewhere within the globalised ethnic community. Diasporas arise from some form of migration, but not all migration involves diasporic consciousness; all transnational communities comprise diasporas but not all diasporas develop transnationalism. (Vertovec, 2001)

Analisemos algumas das características deste transnacionalismo na actualidade.

4. Práticas transnacionais concretas dos imigrantes: portugueses e cabo-verdianos.

Similitudes e diferenças

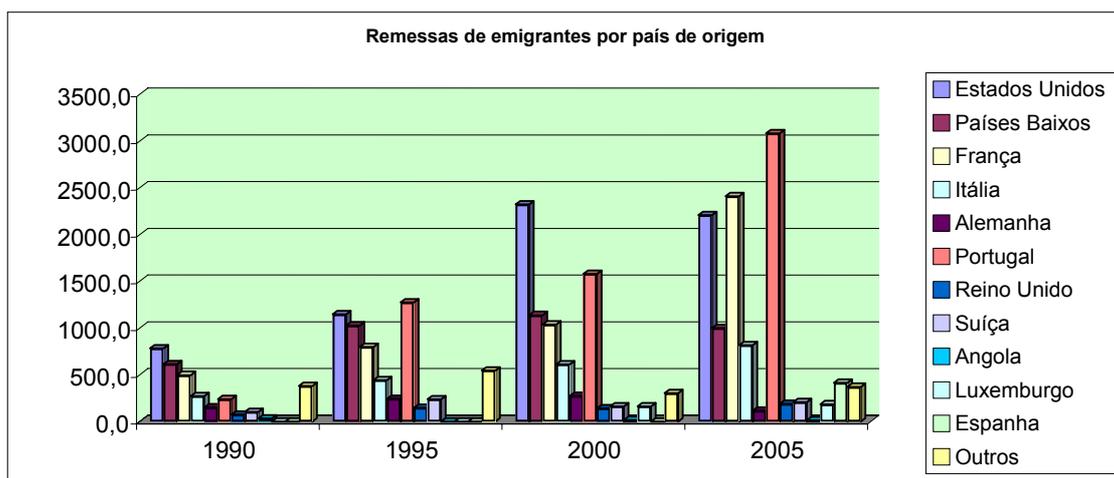
Nas ciências sociais, quando analisamos uma determinada realidade social fazêmo-lo utilizando conceitos que pretendem apreender em si o “objecto” a que se referem. A lógica construtiva por detrás de uma investigação implica, nomeadamente, formular hipóteses, desconstruir o objecto através de dimensões, indicadores e variáveis, analisar os dados obtidos, transformar o resultado em conceitos analítico-descritivos e, por fim, construir uma teoria que permita compreender o objecto analisado. Não é isto que encontramos no que se refere aos conceitos de transnacionalismo e de “práticas transnacionais”. Se nos limitarmos apenas ao conceito de “práticas transnacionais” e à sua construção enquanto objecto nas ciências sociais, parecem encontrar-se ainda algumas lacunas no que diz respeito às contribuições teóricas, que se traduzem numa relativa ausência de conhecimento empírico sobre as práticas transnacionais.

Ao mesmo tempo, os estudos de caso realizados sobre diferentes grupos migrantes revelam que se trata de um pequeno grupo que se encontra regularmente envolvido em práticas transnacionais de âmbito económico ou político, e uma grande maioria que, ocasionalmente, se envolve em tais actividades. Complementarmente, alguns estudos têm explorado a relação entre migrações e desenvolvimento, definindo a sua característica transnacional como um produto do capitalismo avançado, exercendo a sua influência sobre os países não industrializados ou periféricos, fazendo-os depender em muito das remessas dos próprios emigrantes, que, desta forma ou através de investimentos directos em iniciativas de desenvolvimento local, ligariam país de destino e país de origem em novas relações de dependência.

Enquanto actividades transnacionais, encontramos polarizada a discussão entre diferentes actividades atribuídas ao transnacionalismo dos imigrantes, bem expressa na dicotomia entre práticas “from below” e práticas “from above” como oposição caracterizadora (Smith e Guarnizo, 1999). Neste projecto, optámos por uma separação entre práticas transnacionais colectivas e práticas transnacionais individuais, ambas podendo ser genericamente caracterizadas ‘from below’. Os actores transnacionais (individuais ou colectivos) desenvolvem formas activas de participação em processos económicos, políticos, cívicos e culturais, simultaneamente no local, região ou país de origem, como no local, região ou país de destino. Excluimos nesta definição a dimensão simbólica, aquela que une emocionalmente os diferentes indivíduos aos distintos locais onde foram socializados, muitas vezes referida como uma ligação indelével mas permanente. Temos porém em conta que esta ligação simbólica se traduz em consumos específicos: de gastronomia, dança, literatura, música, trajes e modas de vestuário, etc., que ligam origem e destino (e por vezes outros núcleos migratórios), estes sim capazes de se constituírem em práticas transnacionais. Através destes consumos, torna-se possível criar universos simbólicos transnacionais, “comunidades de sentimento”, identidades prospectivas, partilha de gostos, prazeres e aspirações (Appadurai, 1996) que, ao seu modo, ligam local, região e país de origem ao local, região ou país de destino. As práticas transnacionais detectadas distribuem-se por distintas esferas (e.g. política, cultural, económica, etc.), sendo que, como se compreende, por vezes as fronteiras entre elas são fluidas e o enquadramento de uma determinada prática transnacional numa das esferas questionável.

4.1. O transnacionalismo na dimensão económica

Se nos referirmos às relações dos cabo-verdianos com o país de origem, via telefone/telemóvel, carta, e-mail, através do envio de remessas financeiras ou outras, ou aproveitando portadores de viagem para envio de encomendas, podemos afirmar que a grande maioria dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal se encontra envolvida em actividades transnacionais ocasionais.¹³ De entre estas, destacam-se pela quantificação possível, as remessas financeiras formais e, nomeadamente, aquelas que se destinam ao sustento das famílias (sempre uma noção alargada de família) que permanecem no arquipélago.¹⁴ No entanto, uma percentagem elevada destas remessas permanece à margem da formalidade e depende de outros actores transnacionais (o ‘bom portador’ das cartas, o familiar ou o conterrâneo que leva uma encomenda) numa interessante dupla prática transnacional. Podemos, portanto, caracterizar estas práticas transnacionais como duais e complementares entre o formal e o informal, sendo que as segundas podem ser enunciadas mas não medidas. As remessas dos emigrantes têm constituído um factor muito importante para o equilíbrio da economia de muitas famílias em Cabo Verde e tem diminuído o défice da balança de transacções correntes do arquipélago. A evolução destas remessas financeiras formais pode ser analisada no gráfico seguinte, comparando diferentes países. Portugal, nos últimos anos, assumiu-se como o principal país emissor de remessas para Cabo Verde.



Fonte: Banco de Cabo Verde (vários anos)

¹³ Basta uma ida aos aeroportos em dia de voo para Cabo Verde para se entender a importância destes correios informais. Ultimamente estes correios têm também sido associados ao tráfico de droga internacional, uma das práticas transnacionais detectadas mas, como é óbvio, impossível de medir.

¹⁴ Como seria de esperar, o envio regular de remessas é uma variável dependente da existência de familiares a cargo, isto é, à medida que ocorre o reagrupamento familiar ou a emigração de outros membros do agregado familiar as remessas tendem a diminuir em periodicidade e montante.

Ao nível das transferências financeiras para investimento no país de origem, quase sempre na localidade ou na ilha, destaca-se o investimento para compra de terrenos ou de habitação como a principal prática transnacional. Complementarmente, depósitos bancários nos bancos do país têm ainda algum peso. Outros investimentos como construção de casa própria ou investimento no imobiliário, comércio ou indústria têm um peso menor. Alguns exemplos esparsos de investimento em negócios de âmbito local (e.g. empresários que se envolvem no incipiente mercado de ações de Cabo Verde, criação de empresas ou *joint ventures* com empresas locais) surgem como exemplares mas não são generalizáveis. Recentemente foram criadas áreas específicas de negócio (e.g. em bancos ou empresas de promoção imobiliária) destinadas a captar as poupanças dos cabo-verdianos no exterior (e.g. fundos de investimento em turismo, fundos de investimento imobiliário, aquisição de habitação para arrendamento), mas são ainda muito incipientes os resultados obtidos.

À semelhança dos cabo-verdianos em Portugal, a generalidade dos emigrantes portugueses na Suíça participa em práticas transnacionais de cariz económico, em especial as que envolvem o envio de remessas para as suas contas bancárias, para investimento imobiliário (cf. abaixo) ou para o suporte da família que permanece em Portugal (particularmente para a mulher/marido, filhos, ou pais). Contrariamente ao que sucede no caso dos cabo-verdianos, as remessas são, usualmente, enviados por vias formais (bancos e agências dos correios), tendo os bancos portugueses desenvolvido uma rede de agências e representantes activa em território helvético e vocacionada para o encaminhamento das poupanças dos emigrantes para as suas contas bancárias em Portugal.¹⁵

As remessas financeiras destinadas ao investimento imobiliário merecem uma atenção particular dado que se trata de um investimento tradicional da emigração portuguesa (aquisição de casa própria), mas que deixa de estar confinado à aquisição de casa própria para passar a ser considerado como uma forma alternativa de rentabilização das poupanças do emigrante e, por isso, um indicador de uma alteração nas formas de construção e manutenção das relações com o país de origem. Este tipo de investimento

¹⁵ A natureza formal das remessas enviadas permite saber que os montantes enviados pelos emigrantes portugueses na Suíça passaram de 576.381.000€, em 1996, para 721.211.000€, em 2001, e 530.720.000, em 2006 (fonte: Banco de Portugal, vários anos).

imobiliário experienciou um crescimento significativo desde os finais da década de 90, em parte devido à acção dos agentes imobiliários portugueses que se deslocaram à Suíça no intuito de atrair os investimentos dos migrantes para os projectos de urbanização que se encontravam em construção. Da mudança, ainda que ligeira, do tipo de investimento realizado pelo imigrante (dos depósitos a prazo para a aquisição imobiliária) não pode, contudo, concluir-se que se trata de comportamentos destinados a manter e a fortalecer as relações dos migrantes com o seu país de origem. Em muitos casos, a motivação subjacente a estes investimentos é de natureza mais económica, visando a aplicação das poupanças em produtos que ofereçam uma melhor remuneração do capital investido do que os tradicionais depósitos bancários. Apesar da importância das duas práticas acabadas de referir na constituição de espaços sociais e económicos nos quais os migrantes ligam o seu país de origem com o seu país de destino, a principal e mais significativa forma dos emigrantes portugueses na Suíça se envolverem em actividades transnacionais é fornecida, à semelhança dos imigrantes cabo-verdianos, pelo envio de remessas financeiras.

As práticas transnacionais na esfera económica dos emigrantes portugueses na Suíça encontram-se, ainda, manifestas num conjunto de sectores económicos fortemente dependentes da importação de diferentes tipos de bens portugueses (bens alimentares, livros, cds/dvds, móveis, produtos de decoração, agências de viagem, etc.). A natureza destas actividades e a necessidade de exercer um controlo efectivo sobre os produtos a importar e o processo de transporte dos mesmos, implica a realização de frequentes viagens entre a Suíça e Portugal e a manutenção de uma relação de proximidade com os produtores e fornecedores dos produtos. Este tipo de actividade tem sustentado o surgimento e consolidação de um conjunto de actividades económicas (visíveis em especial na Suíça francófona) dirigidas, na actualidade, não exclusivamente aos emigrantes portugueses na Suíça.

Tomadas em conjunto, as práticas acabadas de referir exemplificam diferentes formas de os migrantes contribuírem para a constituição de espaços sociais e económicos nos quais os migrantes ligam o seu país/região de origem com o país de acolhimento. Trata-se de actividades que, em geral, são prosseguidas com alguma regularidade e de forma individual e familiar e em que o número de pessoas que se

encontram directamente envolvidas não ultrapassa, comumente, os membros da rede familiar do migrante. Actividades que envolvem uma rede mais extensa de actores e que procuram, através de uma acção colectiva, contribuir para o desenvolvimento do país/região de origem ou para mitigar os efeitos de desastres naturais (como, por exemplo, incêndios ou inundações) são bastante menos frequentes e estruturadas.

4.2. Práticas transnacionais na esfera sócio-cultural

A cultura tem ganho uma relevância significativa enquanto elemento explicativo de muitos processos sociais e também no campo das migrações. Sobretudo na área da antropologia das migrações, a cultura (na sociedade de origem e na de destino) tem sido assumida como factor diferenciador dos tipos e modos de integração e na polarização das dinâmicas entre a assimilação e o vigor das práticas transnacionais. Não assumindo a cultura como uma variável explicativa exclusiva ou mesmo dominante na sociologia das migrações, a verdade é que é na esfera cultural que as práticas transnacionais dos migrantes portugueses ou cabo-verdianos se assumem com maior visibilidade quotidiana, de certa forma, obscurecendo outras esferas. A manutenção dos laços com o país de origem faz-se sobretudo a nível simbólico, através da utilização da língua de origem, da gastronomia, do consumo ou recepção de música, dos média ou literatura do país de origem, que se valorizam tanto ou mais do que a do país de acolhimento

No que concerne as práticas transnacionais dos cabo-verdianos em Portugal, a dinâmica da produção e/ou dos consumos é bem visível a nível cultural, sendo este talvez o aspecto mais notável do transnacionalismo cabo-verdiano enquanto partilha vivencial entre sociedades. Este transnacionalismo centra-se, sobretudo, em quatro domínios da esfera cultural cabo-verdiana: a música, a língua, a dança e a gastronomia, com importância e influência diferenciada.

A música constitui um exemplo de interligação de práticas transnacionais de consumo e de produção que abrange a quase totalidade dos cabo-verdianos em Portugal. Tendo embora uma população reduzida, Cabo Verde é um país com uma elevada projecção musical. Artistas cabo-verdianos têm uma circulação global no âmbito da chamada ‘world music’, em paralelo com uma circulação entre os países ou as cidades que acolhem imigrantes cabo-verdianos (Esteves e Caldeira, 2001). Os produtores e

consumidores podem encontrar-se indiferenciadamente em Portugal, em Cabo Verde ou em outros países, mas a ligação transnacional da música é uma constante.¹⁶ Grande parte da produção de música de origem cabo-verdiana é realizada por indivíduos de origem cabo-verdiana que se encontram fora de Cabo Verde, num âmbito transnacional (Cidra, 2005). A produção e consumo de música cabo-verdiana são, neste âmbito práticas transnacionais de alta intensidade (Góis, 2005). No caso específico da música cabo-verdiana, Lisboa vai funcionar como um local com efeito potenciador de um transnacionalismo ligado a práticas culturais específicas que se prolongam, aliás, em outros domínios como a língua. Ao possibilitar uma interação entre culturas locais da origem dos imigrantes e as culturas do local de destino, a música (e a língua em menor dimensão) permitem compreender a lógica do transnacionalismo como um território único de acção social em que os imigrantes já não estão desenraizados, mas, ao contrário movem-se livremente de um lado para o outro através de culturas e sistemas sociais diferentes (Brettel e Hollifield, 2000).

No caso da esfera cultural podem encontrar-se sinais de práticas transnacionais no consumo dos produtos mediáticos portugueses (sobretudo, televisão, mas também alguns jornais, particularmente os de carácter desportivo). A existência de um canal público português que emite explicitamente para as comunidades portuguesas no mundo e a expansão da subscrição de um serviço de televisão emitido por satélite, que permite aos emigrantes assistirem aos mesmos canais transmitidos em Portugal, têm alargado as oportunidades de os portugueses no exterior manterem e intensificarem, ainda que somente na qualidade de receptores, os contactos com o seu país de origem ao serem mantidos informados sobre os acontecimentos em Portugal.

A extensão do acesso aos canais televisivos portugueses tem, juntamente com um aumento do acesso à internet, contribuído para a perda de importância das emissões radiofónicas e dos jornais impressos como formas privilegiadas de relacionamento mediático com o país de origem. Considerados em conjunto, os três meios de comunicação referidos (TV, rádio e jornais) parecem, com diferentes graus de intensidade, suscitar o interesse da primeira geração de emigrantes portugueses, enquanto as escolhas mediáticas da segunda geração se orientam mais para produtos

¹⁶ O mercado musical português é, imediatamente após Cabo Verde, o de maior consumo da música cabo-verdiana.

mediáticos mais atractivos para o seu grupo de idade, independentemente da origem nacional desses produtos e da língua em que são transmitidos.

A diminuição intergeracional da procura e consumo de bens culturais que apresentam uma ligação ao país de origem é, igualmente, verificável na frequência de espaços destinados à reunião dos emigrantes portugueses e de manutenção das ligações ao país de origem (as tradicionais associações de emigrantes). Como afirmado por diversos entrevistados, o conjunto de actividades desenvolvidas pelas associações de emigrantes com o objectivo de manter as ligações com Portugal¹⁷ continua a ter alguma relevância para a primeira geração de emigrantes, mas não tem atraído o interesse e a participação da segunda geração.¹⁸ Este facto, juntamente com a multiplicação dos locais que oferecem actividades similares às anteriormente oferecidas exclusivamente pelas associações e a pulverização do número das associações, tem contribuído para a diminuição do papel das associações como meio principal de manutenção das ligações ao país e para a redução da participação dos portugueses na vida associativa. A relevância destas estruturas de sociabilidade dos portugueses na criação e suporte de práticas de natureza transnacional (ainda que, frequentemente, de carácter somente simbólico) parece, deste modo, perder importância face ao desenvolvimento de outras formas de inter-relacionamento do emigrante com o seu país/região de origem.

4.3. As práticas transnacionais na esfera política

Uma das características contemporâneas do transnacionalismo migrante mais interessante e desafiadora tem a ver com as potenciais redes de intervenção e/ou de participação política em mais do que um Estado.¹⁹ Poder eleger e ser eleito, participar politicamente no país de origem e no país de destino, influenciar decisões em dois Estados é um desafio que se pode concretizar em diferentes tipos de práticas transnacionais. Analisadas as práticas concretas, estas ficam aquém do que esperaríamos. Há, evidentemente, uma carga simbólica neste tipo de práticas que, no caso

¹⁷ Tais como, por exemplo, manutenção de grupos de folclore, promoção de diferentes tipos de festivais, serviço de comidas e bebidas portuguesas, etc.

¹⁸ Apesar deste declínio generalizado, é necessário ressaltar que a participação da segunda geração nas actividades associativas apresenta uma forte variação, quer em termos de região linguística suíça, quer em termos do tipo de actividades promovidas pela associação (por exemplo, as actividades desportivas e, em especial, a prática do futebol, apresentam maiores taxas de frequência do que as restantes actividades culturais).

¹⁹ Veja-se a possibilidade de um imigrante com dupla nacionalidade poder eleger dois presidentes em dois países distintos.

cabo-verdiano, tem origem nos movimentos de luta pela independência de Cabo Verde em 1975 e na abertura do país ao sistema multipartidário em 1991 e, no caso português, na participação política para o derrube do regime ditatorial de Salazar. Tanto no primeiro como no segundo caso, foi muito importante a participação política de académicos, artistas ou intelectuais que se mobilizaram no exterior dos respectivos países. Analisadas porém as estatísticas, a participação política, como eleitores ou como candidatos, nos momentos eleitorais nos países de origem e nos países de destino tem sido residual.

O caso cabo-verdiano ilustra este défice de participação. A não participação nas recentes eleições presidenciais e legislativas em Cabo Verde é duplamente elevada: por um lado, um défice de registo como eleitor – o grupo de eleitores registados oficialmente é muito inferior ao número de potenciais eleitores (indivíduos com nacionalidade cabo-verdiana maiores de 18 anos); por outro, uma abstenção no dia das eleições.

No domínio da participação política em Portugal, duas são as possibilidades: (i) quando se trata de cabo-verdianos com nacionalidade portuguesa, participação eleitoral plena; ou (ii) na circunstância de indivíduos apenas com nacionalidade cabo-verdiana, participação apenas nas eleições para as autarquias locais (municípios e juntas de freguesia), caso sejam possuidores de uma autorização de residência válida. Também neste caso os níveis de registo e participação são muito baixos, demonstrando um défice de integração neste sistema funcional, tanto no que se refere ao país de origem como ao de destino. A análise das entrevistas realizadas confirma este facto: a fraca mobilização e participação política dos cabo-verdianos nega o simbolismo (e a potencialidade) deste tipo de práticas transnacionais.²⁰

Na esfera política os sinais da existência de práticas transnacionais entre os emigrantes portugueses na Suíça são, à semelhança do caso cabo-verdiano, muito incipientes e, geralmente, circunscritos a um conjunto limitado de emigrantes politicamente activos. O interesse dos emigrantes pelas questões políticas nacionais e/ou locais é pouco relevante, o que se torna claramente evidente na reduzida participação eleitoral nas eleições portuguesas (quer para o parlamento nacional, quer para as

²⁰ Mesmo quando as últimas eleições presidenciais (2006) são decididas nos círculos eleitorais fora de Cabo Verde. A título de exemplo refira-se que o número de votantes nas eleições legislativas ou nas presidenciais de 2006 não ultrapassou os 5000 em toda a Europa, face a cerca de 32.000 eleitores inscritos e a mais de 100.000 eleitores potenciais.

presidenciais).²¹ Apesar deste desinteresse, é possível constatar um relativo aumento do envolvimento nos assuntos da política nacional quando os temas em discussão se relacionam directamente com as comunidades emigrantes. Mas mesmo nestes casos as formas de ligação ao país de origem não extravasam as fronteiras da temática em discussão.²² Trata-se, deste modo, de actividades que, recorrendo à terminologia empregue por Itzigsohn e colaboradores (Itzigsohn *et al.*, 1999), podem ser definidas como práticas transnacionais amplas, dado que a participação em acontecimentos ou reuniões de carácter político ocorre de forma ocasional.

O fraco envolvimento dos portugueses em actividades políticas dirigidas ao seu país de origem não pode ser explicado somente pelo desinteresse dos emigrantes nas questões políticas portuguesas. A insuficiência e, em alguns casos mesmo, a ausência de estruturas que possibilitem a participação política dos emigrantes no estrangeiro devem igualmente ser tidas em consideração na análise das reduzidas práticas políticas transnacionais dos emigrantes. Com efeito, apesar dos partidos políticos portugueses terem os seus representantes na Suíça, a sua acção encontra-se limitada pela insuficiência de meios financeiros e humanos (insuficiência também verificável no caso das estruturas estatais ou fomentadas pelo Estado²³). Está-se, deste modo, perante uma esfera de práticas transnacionais em que quer a acção individual, quer a acção colectiva (partidos políticos, Estado português, etc.) é pouco intensa, o que, por seu lado, contribui para limitar a capacidade dos emigrantes se constituírem como actores políticos transnacionais.

4.4. O uso das tecnologias de informação e comunicação: uma esfera emergente

A aceleração dos processos de globalização e a importância do desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, bem como a modernização e democratização dos transportes, vieram facilitar as ligações entre (e intra) os cabo-verdianos emigrados e o arquipélago de origem. Quer as tecnologias de

²¹ Por exemplo, nas Legislativas de 2005 votaram 1.750 dos 4.408 emigrantes inscritos como votantes nos consulados. Nas Presidenciais votaram 871 dos 5.730 inscritos (Fonte: STAPE, disponível online em: http://www.stape.pt/eleiref/index_eleiref_nt.htm).

²² Os casos mais recentes desta mobilização foram evidentes em 2003/2004, na discussão em torno da vontade do Governo português terminar as emissões internacionais do canal televisivo público, e em 2005/2006, no debate em torno da reestruturação da rede Consular portuguesa.

²³ Referimo-nos neste último caso ao Conselho das Comunidades Portuguesas, cujos eleitos não dispõem de financiamento suficiente (por parte do Estado) para realizarem uma acção continuada junto da comunidade portuguesa na Suíça.

comunicação tradicionais (e.g. cartas, telefone), quer as novas tecnologias de informação e comunicação (e.g. internet, rádios on line, televisões globais, telemóveis), sobretudo nas suas mais modernas aplicações (e.g. *sms*, *blogs*, *web pages*, *my space*, *you tube*, etc.), são utilizadas por cabo-verdianos emigrados na sua ligação entre (pelo menos) duas nações. Estas novas tecnologias são, como afirmam Manuel Castells e colegas, mais um elo na ligação da estruturação de uma sociedade global em rede (Castells *et al.*, 2007).

As novas tecnologias influenciam o modo como se estruturam as práticas transnacionais nas diversas dimensões consideradas (económica, cultural, política, social e demográfica e informacional). Nas suas diversas formas, encontram-se exemplos de aproveitamento destas tecnologias, nomeadamente, para uso político (envio de sms aos potenciais eleitores), cultural (criação de blogs dedicados à música do arquipélago de origem), económico (realização de contactos comerciais), social (uso da internet para a manutenção de contacto entre as famílias emigradas). As novas tecnologias vêm refazer e ao mesmo tempo alargar as redes de contactos. É através desta via que, por exemplo, as comunidades mais antigas como a dos cabo-verdianos nos Estados Unidos da América, Argentina, ou Senegal, onde alguns dos primeiros migrantes já haviam perdido os contactos com a origem, podem recuperar esses contactos com Cabo Verde ou com cabo-verdianos emigrados em outros países. São, deste modo, e em complemento ao envio de remessas, preservados os valores de solidariedade, e, no caso específico de Cabo Verde, a sustentabilidade das famílias no país de origem. Em alguns casos específicos, como situações de emergência, projectos temporários (como as eleições) ou acontecimentos desportivos, estas redes desempenham um papel estruturante na manutenção dos laços entre os que ficaram no país de origem e os que emigraram.

Estas tecnologias de informação e comunicação contribuem para uma activação de redes sociais solidárias a longa distância, uma das características inerentes ao transnacionalismo contemporâneo, capazes de mobilizar os imigrantes e de os transformar em mediadores entre as sociedades de origem e de destino. Alejandro Portes enfatiza a importância do domínio das tecnologias de comunicação pelos indivíduos inseridos nas redes sociais transnacionais. Normalmente, trata-se de indivíduos bilingues que se movem facilmente entre as duas culturas, e que

frequentemente mantêm casas nos dois países, perseguindo interesses económicos, políticos e culturais que requerem a sua presença nos dois lados (Portes, 1997). Estes transmigrantes fazem parte de lógicas contra-hegemónicas que desterritorializam ou reterritorializam as nações num espaço global, complexificado em múltiplos espaços sociais, políticos, económicos e culturais transnacionais nos quais o uso das novas tecnologias se reveste de grande importância (Góis, 2006).

A utilização das modernas aplicações das tecnologias de informação por parte dos emigrantes portugueses na Suíça é pouco expressiva entre os emigrantes da primeira geração. Os luso-descendentes e uma parte dos portugueses mais recentemente chegados à Suíça, por seu lado, já utilizam com maior intensidade a referidas tecnologias para manter a sua ligação, ainda que esporadicamente, ao seu país de origem ou com os seus familiares/amigos emigrados noutros países.²⁴ Como realçado por alguns entrevistados, esta utilização é mais frequente após um período de férias em Portugal, ou por altura de acontecimentos festivos (aniversários, Natal, etc.). A utilização apenas ocasional destas novas tecnologias tem uma relação directa com a info-exclusão que muitos dos familiares dos emigrantes sofrem nas regiões rurais portuguesas onde o uso das novas tecnologias em ambiente doméstico é ainda raro, num claro exemplo de que as práticas transnacionais dependem de condições específicas tanto no país de destino como no país de origem.

5. Transnacionalismo individual/familiar mais do que comunidades transnacionais

O transnacionalismo cabo-verdiano é essencialmente um transnacionalismo de base familiar. A família, na tradição cabo-verdiana, é um valor omnipresente, e é assumido um conceito de família abrangente (simultaneamente ‘extensa’ e ‘(re)construída’),²⁵ baseado não unicamente na ascendência comum mas na vivência em comum (Malheiros 2001). Este transnacionalismo de base familiar, e as práticas que lhe estão associadas, não é uma característica singular da migração cabo-verdiana, tendo já sido identificado em outros grupos migrantes e também como base de sustentação das redes migratórias

²⁴ Tal como noutras práticas descritas neste texto, a comunidade portuguesa na Suíça não apresenta padrões de actividade homogéneos, podendo encontrar-se diferenças de utilização em termos de instrução, região linguística e idade.

²⁵ Extensa – pais, filhos e outros parentes vivendo em proximidade. Reconstruída – pais vivendo com filhos de outros casamentos anteriores.

(Bryceson e Vuorela, 2002). Num clássico dos estudos sobre transnacionalismo, Basch e colaboradores afirmam:

The family is the matrix from which a complexly layered transnational social life is constructed and elaborated. [It] facilitates the survival of its members, their class formation and mobility; and as the repository of cultural practices and ideology shaped in the home society, it mediates identity formation in the new setting as it socializes its members into a transnational way of life. (Basch *et al.*, 1994: 79)

A história de Cabo Verde revela uma tradição no que diz respeito à emigração, e pode-se dizer que a esmagadora maioria das famílias estão directa ou indirectamente envolvidas nesse processo migratório (Bourdieu, 1991). No caso das migrações cabo-verdianas, a família, as redes sociais organizadas em torno da família, do local de origem, da ilha de origem, do país de origem, ou da “nação étnica” imaginada estruturam e condicionam, em sucessivos níveis de importância, o processo migratório e as práticas transnacionais exercidas. Um bom exemplo pode ser encontrado no que Jorge Malheiros (2001) caracterizou como uma cultura migratória activa consubstanciada num “saber circular” entre os diferentes núcleos migratórios na Europa,²⁶ uma das práticas transnacionais mais citadas. Malheiros, num trabalho sobre as comunidades cabo-verdianas em Lisboa e Roterdão, demonstra que as iniciativas transnacionais mais correntes se situam no plano individual e familiar (Malheiros, 2001). Essas iniciativas têm lugar, a maior parte das vezes, directamente do local de destino para o local de origem, pelo que mais do que práticas transnacionais talvez devêssemos usar o termo “translocalidades”, proposto por Michael Smith e Luís Guarnizo (1999).

As actividades transnacionais dos portugueses assumem, igualmente, maior expressão no âmbito individual e familiar. A família (nuclear e extensa) assume um lugar central quer no próprio processo migratório, através da consolidação de redes migratórias facilitadoras desse mesmo processo, quer em diversos aspectos da vida quotidiana do migrante. Como referido noutra local (Marques, 1997), a família do migrante constitui um lugar privilegiado de interacção através da estruturação de um conjunto de relações de sociabilidade e de solidariedade entre os migrantes. As relações familiares não se limitam aos membros familiares que se encontram geograficamente

²⁶ Esta circulação migratória inter-núcleos cabo-verdianos na Europa decorre no seio da família, sendo habitual os cabo-verdianos de Lisboa passarem uns dias no Luxemburgo, em França ou na Holanda em casa dos seus familiares e vice versa.

próximos do migrante que reside na Suíça. Elas expandem-se, com diferentes níveis de intensidade e em momentos específicos (como, por exemplo, no Natal ou na Páscoa), aos familiares que emigraram para outro país europeu (em especial para a França e a Alemanha), ou que permaneceram em Portugal. Diferentemente do que sucede no caso dos imigrantes cabo-verdianos, as relações familiares dos portugueses na Suíça encontram-se organizadas, sobretudo, em torno da família nuclear, assumindo a família alargada um lugar secundário (mas não despidendo) no relacionamento do migrante com a sociedade de acolhimento e com a sociedade de origem.

A relevância das relações familiares e individuais no exercício de actividades transnacionais por parte dos dois grupos de migrantes analisados ao longo do presente texto encontra-se plasmada na tabela seguinte, que sumaria estas diferentes práticas transnacionais, assim como as que, devido à economia do texto, não tiveram um tratamento mais alargado.

Tabela 1. Práticas transnacionais dos emigrantes portugueses e cabo-verdianos

	Cabo-verdianos		Portugueses	
	Individuais/Familiares	Colectivas	Individuais/Familiares	Colectivas
Esfere económica	<ul style="list-style-type: none"> - Envio de remessas e investimento (habitação, negócios e terrenos; - Envio de bens diversos; - Empréstimos de âmbito familiar; - Depósitos bancários no país de origem; - Envio de bilhetes de avião ou ajuda na sua aquisição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Organização de festas religiosas; - Festivais de música. 	<ul style="list-style-type: none"> - Remessas; - Investimentos imobiliários; - Actividades empresariais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esporádicas iniciativas de angariação de fundos para projectos locais no país de origem (festas, renovação da igreja, etc.).
Esfere social-cultural	<ul style="list-style-type: none"> - Manutenção do uso da língua materna (crioulo cabo-verdiano); - Bilinguismo; - Consumo da música cabo-verdiana; - Emigração e retorno; - Visitas regulares; - Associativismo (cooperação e intercâmbio); - Re-emigração; - Visitas aos parentes e conterrâneos em países terceiros. 	<ul style="list-style-type: none"> - Circulação de músicos e de música; - Estruturação e desenvolvimento do crioulo; - Circulação de escritores e literatura; - Criação de editoras musicais - Organização e participação em torneios desportivos; - Casamentos mistos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Manutenção da língua do país de origem; - Frequência dos cursos de língua e cultura portuguesa pelos filhos dos emigrantes; 	<ul style="list-style-type: none"> - Associações de emigrantes; - Consumo de produtos mediáticos portugueses; - Organização e participação em torneios desportivos; - Circulação de músicos e de música.
Esfere política	<ul style="list-style-type: none"> - Reduzida participação eleitoral; - Participação esporádica em actividades políticas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Circulação de candidatos às eleições de Cabo Verde (círculos de emigração); - Organização exterior dos partidos de Cabo Verde; - Organização dos congressos do quadros na diáspora; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reduzida participação eleitoral; - Participação esporádica em actividades políticas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Partidos políticos portugueses com representantes na Suíça; - Estruturas Estatais (Consulados, Embaixadas).
Esfere Informação / Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Contactos pessoais na internet (e mail, programas tipo Messenger); - Criação de sites, blogues, etc. - Utilização de espaços de intercâmbio (Youtube, my space, etc); - Correspondência, telefonemas e envios de sms; - Procura de ligações ancestrais. 		<ul style="list-style-type: none"> - Poucos sites portugueses na Suíça (alguns sites pessoais, ou de jornais dirigidos aos emigrantes portugueses); - Limitado número de blogues; - Telefonemas. 	

Como é possível verificar por uma rápida análise da tabela, a importância da esfera familiar/individual no desempenho de actividades transnacionais contrasta, em todas as esferas de acção consideradas, com a comparativamente menor participação dos migrantes em iniciativas transnacionais de natureza colectiva. Para além deste aspecto, a referida tabela documenta a considerável heterogeneidade do conjunto de práticas transnacionais seguidas pelos migrantes cabo-verdianos e portugueses. Não obstante esta diversidade, é possível encontrar um conjunto de actividades que, com diferentes níveis de intensidade, são desenvolvidas por ambos os grupos de migrantes.

6. Conclusão

A manutenção de relações dos migrantes com o seu país de origem constitui uma característica comum à generalidade dos processos migratórios. Na actualidade, parte destes relacionamentos são interpretados através do recurso a novos conceitos que procuram reflectir a intensidade, imediaticidade e simultaneidade dos relacionamentos que se desenvolvem entre migrantes e as diferentes esferas da sociedade de origem.

Como descrito ao longo deste texto, são diversas as formas de os migrantes se relacionarem com o seu país de origem (quer em termos factuais, quer em termos emocionais ou simbólicos), assim como são diversos os graus com que os diferentes grupos de migrantes se envolvem nestes relacionamentos. Tomadas em conjunto, as actividades transnacionais dos migrantes mostram claramente que o seu envolvimento é, à excepção de práticas específicas (como, por exemplo, o envio de remessas), muito limitado e, com frequência, esporádico. Ao carácter limitado das práticas transnacionais há a acrescentar a variabilidade dessas mesmas práticas, a qual se torna evidente, no presente texto, através da comparação das práticas seguidas pelos imigrantes cabo-verdianos em Portugal e pelos imigrantes portugueses na Suíça. Trata-se de uma variação que reflecte, sobretudo, o momento e o contexto em que se produziram os dois fluxos migratórios, assim como as formas de participação dos migrantes na sociedade de acolhimento e nas suas diferentes esferas constituintes. A explicitação destas variáveis pode, assim, ajudar a compreender as variações (e, também, algumas semelhanças) verificadas nas práticas transnacionais dos dois grupos de migrantes em estudo.

Relativamente ao primeiro conjunto de variáveis (momento e contexto da migração), é de realçar que os imigrantes cabo-verdianos em Portugal e as várias gerações dos seus descendentes são o resultado de diferentes fases migratórias e distintos ciclos de migrações. Em resultado deste facto, apresentam uma grande heterogeneidade e distintos modos de inserção em diferentes sistemas funcionais da sociedade portuguesa, diferentes estatutos sociais, pertença a distintas classes sociais e, como consequência, distintas práticas transnacionais. Os imigrantes portugueses na Suíça são, comparativamente, um grupo muito mais homogéneo, em que se destaca uma grande predominância de imigrantes laborais de primeira geração e um grupo de descendentes maioritariamente ainda em idade escolar. É de assinalar que a emigração cabo-verdiana para Portugal tem mais de 40 anos e imigração portuguesa na Suíça tem pouco mais de 20 anos, pelo que a variável tempo tem também a sua importância. Os cabo-verdianos em Portugal são o primeiro grupo de origem estrangeira em Portugal e os portugueses na Suíça a terceira comunidade no país. De uma maneira geral, pode afirmar-se que os dois grupos de imigrantes apresentam projectos migratórios distintos. Os cabo-verdianos apostam num projecto migratório (de facto) permanente em Portugal (ou quando muito numa re-emigração a partir de Portugal), enquanto os portugueses se aventuram num projecto migratório de média-longa duração com um projectado retorno a Portugal (que, frequentemente, se transforma numa ilusão de regresso). De acordo com os projectos migratórios, as práticas transnacionais adoptadas são distintas.

Outra característica influente no tipo e modo de práticas transnacionais tem a ver com a forma de participação dos migrantes na sociedade de acolhimento, em especial na esfera económica, cuja natureza pode ser empiricamente avaliada através das profissões exercidas e as remunerações auferidas em cada um dos países pelos diferentes grupos. Uma comparação entre as remunerações auferidas por paridade de poder de compra na Suíça e em Portugal para profissões iguais (e.g. servente da construção civil, pedreiro, empregada doméstica, etc.) torna evidente que a capacidade de poupança ou investimento dos imigrantes na Suíça é superior à dos imigrantes em Portugal. O facto de um número significativo de cabo-verdianos laborar nos segmentos e profissões menos apelativos do mercado de trabalho (construção civil, limpezas domésticas e industriais) e de os portugueses na Suíça laborarem nos mesmos sectores não os torna directamente comparáveis.

Colocados perante estas características, que apresentam tanto de semelhanças como de diferenças, o que nos leva a pensar que apresentem práticas transnacionais comparáveis? Várias causas e cada uma delas de importância diferenciada contribuem para definir este transnacionalismo, e as práticas transnacionais dos dois grupos de imigrantes a ele associadas, como um transnacionalismo de baixa intensidade. Como exemplo, destacamos a causa económica. A conclusão a retirar do nosso trabalho é a de que a existência de capital económico disponível potencia a existência de determinadas práticas transnacionais (e.g. envio de remessas, investimento no país de origem, etc.) e a ausência deste tipo de capital torna as práticas transnacionais muito mais esparsas. Se é certo que ocasionalmente, todos (ou quase todos) os migrantes se envolvem em práticas transnacionais, poucos de entre eles vivem de facto partilhando a sua vida entre duas sociedades. A principal razão por que o não fazem é porque não podem. Claro que, num domínio simbólico, uma grande maioria de imigrantes viverá vidas paralelas entre a origem e o destino. Esta dimensão do simbólico concretiza-se em produções e consumos culturais da maior importância para os países de origem e de destino (e.g. gastronomia, música, língua, literatura e dança) que torna as sociedades de acolhimento mais diversas e permite às sociedades de origem manter vivas práticas culturais que estariam condenadas ao desaparecimento. A globalização, o desenvolvimento dos transportes, o avanço das tecnologias de informação e comunicação vieram permitir manter os laços entre os que partiram e os que ficaram durante mais tempo, de forma mais sustentada e, talvez, ao longo de gerações. O que não fez foi tornar em actores transnacionais a maioria dos emigrantes transnacionais.

Uma última nota para que o essencial não fique por dizer. Estudar o transnacionalismo a partir da análise das práticas que sustentam a caracterização de determinado movimento como transnacional torna evidente a dificuldade de generalizar a todos os migrantes o exercício de práticas transnacionais de intensidade semelhante. Como já reconhecido por outros autores (Portes, 2004), somente uma reduzida proporção de migrantes se envolve em práticas que se poderão considerar como transnacionais num sentido, por vezes, bastante lato e controverso.

O estudo destas práticas, tal como realizado no presente texto, mostra, ainda, a necessidade de desenvolver e aperfeiçoar os instrumentos a utilizar na medição de

actividades sociais, económicas e políticas de cariz transnacional. As metodologias empregues na diversidade de estudos neste campo, incluindo o presente, recorre, maioritariamente a metodologias qualitativas. Como os diversos manuais de metodologia nos ensinam, trata-se de um conjunto de metodologias importantes para caracterizar um aspecto da realidade social ou para tornar evidentes aspectos não captáveis através de uma análise puramente estatística. Não permitem, porém, proceder à generalização ou extrapolação para o conjunto da população dos resultados obtidos. Esta limitação não tem, infelizmente, obstado a que alguns investigadores, a partir de estudos de caso (e, por vezes, com base na sua intuição pessoal gerada com base nesses estudos) generalizem a todos os migrantes que se encontram em situações semelhantes ao caso estudado. Não queremos que seja o caso no presente artigo. Neste sentido, assumimos que as generalizações categoriais formuladas possam ser abusivas e que, apesar de ser possível encontrar actores sociais (portugueses e/ou cabo-verdianos) que sejam verdadeiros emigrantes transnacionais, partilhando as suas vidas quotidianas entre mais do que um país, a maioria das migrantes só em sentido bastante lato se envolve neste tipo de actividades transnacionais. Pensamos, assim, que o nosso trabalho vem chamar a atenção para o que alguns críticos do transnacionalismo vêm sublinhando. O transnacionalismo e as suas práticas não colocam em questão os mecanismos e processos de progressiva assimilação social em que (lenta mas de forma contínua) os imigrantes genericamente incorrem. Em distintos sistemas funcionais (e.g. político, económico, cultural) essa assimilação social não constitui um resultado imediatamente inevitável da imigração, sendo processada de forma diferenciada e a ritmos e velocidades também desiguais (e talvez distintos de ritmos passados). Diga-se que essa assimilação social não ocorre sem transformações (na sociedade de origem como nas sociedades de destino), pelo que as práticas transnacionais são, sobretudo, elos de ligação entre tempos e espaços distintos.

Referências bibliográficas

- Appadurai, Arjun (1996), *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, Minn.: University of Minnesota Press.
- Basch, Linda G.; Schiller, Nina Glick; Blanc, Cristina Szanton (1994), *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States*. Luxembourg: Gordon and Breach.
- Bourdieu, Pierre (1991), *Language and Symbolic Power*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Brettell, Caroline; Hollifield, James Frank (2000), *Migration Theory: Talking Across Disciplines*. New York: Routledge.
- Bryceson, Deborah Fahy; Vuorela, Ulla (2002), *The Transnational Family: New European Frontiers and Global Networks*. Oxford / New York: Berg.
- Castells, Manuel; Fernandez-Ardevol, Mireia; Qiu, Jack Linchuan; Sey, Araba (2007), *Mobile Communication and Society*. Boston, Mass.: MIT Press.
- Cidra, Rui (2005), “Migração, performance e produção de fonogramas: músicos em viagem entre Cabo Verde e Portugal”, in *Cape Verdean Migration and Diaspora*, Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social, 6-8 Abril 2005.
- Esteves, Alina; Caldeira, Maria J. (2001), “Reinventing cultures: The contribution of the Cape Verdean community to the cultural dynamics of Lisbon”, in Russel King (org.), *The Mediterranean Passage*. Liverpool: Liverpool University Press, 95-118.
- Foner, Nancy (1997), “What’s new about transnationalism? New York immigrants today and at the turn of the century”, *Diaspora*, 6(3), 355-375.
- Góis, Pedro (2005), “Low Intensity Transnationalism: The Cape Verdian Case”, *Wiener Zeitschrift für kritische Afrikastudien / Vienna Journal of African Studies, Stichproben*, 8, 255-276.
- Góis, Pedro (2006), *Emigração Cabo-Verdiana para (e na) Europa e a sua Inserção em Mercados de Trabalho Locais: Lisboa, Milão e Roterdão*, Lisboa: ACIME.
- Góis, Pedro; Marques, José Carlos (2006), “Portugal as a semiperipheral country in the global migration system”, Conference on Lusophone Migration, Georgetown University, Washington DC, November 17-19.
- Grosfoguel, R.; Cordero-Guzman, H. (1998), “International Migration in a Global Context: Recent Approaches to Migration Theory”, *Diaspora*, 7(3), 351-368

- Itzigsohn, José *et al.* (1999), “Mapping Dominican transnationalism: Narrow and broad transnational practices”, *Ethnic & Racial Studies*, 22(2), 316-339.
- Itzigsohn, José; Saucedo, Silvia Giorguli (2002), “Immigrant incorporation and sociocultural transnationalism”, *The International Migration Review*, 36(3), 766-798.
- Malheiros, Jorge (2001), *Arquipélagos migratórios: transnacionalismo e inovação*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Marques, José Carlos (1997), *A emigração portuguesa para a Suíça*, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado.
- Marques, José Carlos (2006), *Os Novos Movimentos Migratórios Portugueses – O Caso da Emigração Portuguesa para a Suíça*, Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Marques, José Carlos (2007), *Os Portugueses na Suíça. Migrantes Europeus*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais (no prelo).
- Meintel, Deirdre (2002), “Cape Verdean Transnationalism, Old and New”, *Anthropologica*, XLIV, 25-42.
- Moldes-Farelo, Rócio (2000), “Inmigrantes Jubilados: La invención del ocio y la fantasía del retorno”, comunicação apresentada ao II Congresso ‘Inmigración en España: España y las Migraciones Internacionales en el cambio de siglo’ organizado pelo Instituto Universitario de Estudios sobre Migraciones, Madrid, 5-7 de Outubro (policopiado).
- Portes, Alejandro (1997), “Immigration theory for a new century: some problems and opportunities”, *International Migration Review*, 31(4), 799-825.
- Portes, Alejandro (2004), “O estudo do transnacionalismo imigrante”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, 73-93.
- Portes, Alejandro (2006), “Os debates e o significado do transnacionalismo migrante”, in Alejandro Portes (org.), *Estudos Sobre as Migrações Contemporâneas. Transnacionalismo, Empreendedorismo e a Segunda Geração*. Lisboa: Fim de Século, 201-244.
- Smith, Michael; Guarnizo, Luis (1999), *Transnationalism from Below*. New Brunswick and London: Transaction Publishers.
- Vertovec, Steven (2001), “Religion and diaspora”, ESRC Transnational Communities Research Programme, *Working Papers* 01-01, Oxford.